



***ANAIS DO III ENCONTRO
BRASILEIRO DE ESTUDOS
TRADICIONAIS (III EBET)***

8 a 10 de Junho de 2022, Natal – RN



III Encontro Brasileiro de Estudos Tradicionais

A influência de Santo Agostinho na Doutrina Social da Igreja

*Jefferson Eduardo Dantas de Araújo
Jesus Romersson Rousseau Araujo Ferreira de Medeiros*

Resumo: O intento desta pesquisa é resgatar no período da Patrística a presença da Doutrina Social da Igreja trazida em obras de Santo Agostinho e averiguar como se deu esse processo. Especificar a influência de Santo Ambrósio em Agostinho, os princípios do Bem Comum, da Dignidade da Pessoa Humana, verificar no Princípio Personalista, Princípio da Universalidade, o drama do pecado, em Agostinho e a influência do mesmo nos referidos princípios. Ademais, alocar a presença de Agostinho na realidade de nossos dias através da liturgia diária e das horas e também como precursor da tradição presente na atualidade reverberando a voz de que há mais tradicionalismo do que supomos em nossa realidade constitui em algo passível de investigação. Além do fato da importância dos escritos do Padre na Doutrina Social da Igreja de traduzida pelo papa Leão XIII no século XIX e a geopolítica de defesa do Norte da África em relação à defesa do Império Romano nos séculos IV e V.

Palavras-Chaves: **Santo Agostinho, Doutrina Social da Igreja, Tradicionalismo.**

Abstract: The purpose of this research is to rescue in the Patristic period the presence of the Social Doctrine of the Church brought in the works of Saint Augustine and to find out how this process took place. Specify the influence of Saint Ambrose on Augustine, the principles of the Common Good, of the Dignity of the Human Person, verify in the Personalist Principle, Principle of Universality, the drama of sin, in Augustine and its influence on those principles. Furthermore, allocating the presence of Augustine in the reality of our days through the daily liturgy and the hours and also as a precursor of the present tradition at the present time, reverberating the voice that there is more traditionalism than we suppose in our reality constitutes something that can be investigated. In addition to the fact of the importance of the Father's writings in the Social Doctrine of the Church translated by Pope Leo XIII in the 19th century and the defense geopolitics of North Africa in relation to the defense of the Roman Empire in the century IV to V.

Keywords: **Saint Augustine, Social Doctrine of the Church, Traditionalism.**

III Encontro Brasileiro de Estudos Tradicionais

Os Demônios e a Rússia, para além da literatura

Fernando Matheus de Oliveira Fernandes

Resumo: Dostoiévski em 1872 publica seu romance, o quase profético, " Бесы" (Os Demônios) no qual retrata de maneira cirúrgica a mentalidade de um círculo revolucionário. A obra, muito embora fictícia, é baseada em um acontecimento real: o assassinato do estudante I. Ivanov pelo grupo niilista o qual fazia parte. Essa obra é parada obrigatória para todos aqueles que querem entender a formação do imaginário revolucionário e a mente dos membros de um grupo subversivo. Como na maior parte de suas obras, "Os Demônios" é quase um estudo de caso sobre a mente daqueles indivíduos, esse mergulho que é tão característico do autor se faz patente e mostra como as diferentes ideologias afetam suas personagens. Sendo mais patente no personagem do Kirílov, o qual encarna o Ocidentalismo, e Chatov, a Eslavofilia. Esses dois são necessários para entender as grandes dicotomias da história Russa do Séc.XIX para cá, como por exemplo: Czarismo vs Revolucionários, Mencheviques vs Bolcheviques, Stalinismo vs Trotskismo e a oposição entre Putin e a União Europeia. Em muitos aspectos esse livro continua tão atual quanto na época em que foi escrito e com os recentes acontecimentos na Ucrânia se faz cada vez mais necessário para o entendimento da mentalidade Russa, que com Putin cada vez mais abraça a Eslavofilia e rejeita a influência de uma Europa decrépita e cada vez mais esvaziada. A resistência russa perante a tentativa da influência dos valores "ocidentais" pregados por uma Europa que tornou-se um cadáver, podre e sórdido.

Palavras-Chaves: Dostoiévski, Igreja Ortodoxa, Revolução Russa, Revolução Francesa, Tradicionalismo.

III Encontro Brasileiro de Estudos Tradicionais

E a metafísica se fez carne

Giuliano Vitor de Medeiros Alves

Resumo: A filosofia começou essencialmente como um conjunto de conhecimentos associado à formação moral e atuação do cidadão na pólis grega. Isto é verdade seja na tradição ocidental, seja na chinesa, por exemplo, onde a distinção do sábio, de Lao Tsé a Confúcio, era o meio utilizado para julgar, por concurso público, quem era apto para assumir a corte do imperador. Na Grécia, seja, nas tradições mais antigas, nos versos de ouro atribuídos a Pitágoras, seja nas temáticas dos diálogos platônicos, ou nas filosofias subseqüentes: sobretudo em estoicos e epicuristas, que, de fato, propuseram formas de vida, mas mesmo na ética aristotélica, temos sempre a ideia de um conhecimento que se adquire associado com o modo de vida. Mesmo em casos em que aparente haver maior disparate, como entre os céticos, é evidente que a postura diante do conhecimento, como nos discípulos de Pirro, colocar-se contra o dogmatismo, tornar-se duvidoso acerca das afirmações recebidas, implica em um modo de viver o cotidiano. Assim também não faria sentido falar em um Nietzsche cristão ou em um Cristo niilista.

Não por acaso filósofos de grande porte como Louis Lavelle e Mário Ferreira dos Santos, ambos, tiveram como mestre inicial Nietzsche. Apesar da discrepância nas conclusões, ambos os filósofos viram no autor de *Além do Bem e do Mal* o exercício de dissecar uma filosofia, ou conjunto de ideias, a partir do ser humano, subjetivo, que a compõe. Para um seguidor normal de Nietzsche, esse exercício faz o sujeito cair em descrença no conhecimento ao concluir que tudo é subjetivo e, portanto, não há verdade absoluta. Para ambos os filósofos supracitados, ocorre o contrário: o conhecimento absoluto existe, mas nós o enxergamos a partir da nossa posição pessoal. Dela, partilhamos uns com os outros nossos resultados e assim tecemos conclusões que se aproximam cada vez mais do absoluto antevisto no começo. É, portanto, ocasião de questionar o inverso: existe um modo de vida que seja absoluto? Se o há, a filosofia que esse modo ou pessoa representa será também absoluta.

É difícil demonstrá-lo em poucas linhas, mas a tendência geral das religiões é a negação de si em nome de algum Outro, da filosofia é o auto-sacrifício socrático ou a ataraxia, ambos, de igual modo, em busca de uma paz que se atinge em algo que não diz respeito à carne ou às necessidades fisiológicas imediatas: diz respeito, portanto, ao espírito humano. Dado o sacrifício de si - e não do outro - como modelo, é possível fazer uma comparação entre dramas sacros, enfileirando os profetas, os santos e místicos, de quaisquer religiões. Do sacrifício de si para atingir a salvação, como no budismo, a também servir para orar pela salvação da comunidade, como nos mosteiros cristãos; do sacrifício para salvar de um ataque uma tribo - um guerreiro em uma tribo politeísta -, ao guiamento de um povo à sua salvação - física ou espiritual - como nos profetas, a, enfim, o surgimento do perdão, que quer dizer quando o indivíduo é o arquétipo de inocência humana, imaculado, e ainda assim sofre todas as injúrias e agressões, e oferece a si mesmo em nome da salvação do mesmo povo que o agrediu ferozmente. De Sócrates, representado em *O Banquete*, ao drama da paixão de Cristo, a variação poderia dizer-se apenas quantitativa, mas de tão grande é a distância do sofrimento necessário para que Cristo perdoasse, como Sócrates ao perdoar seu algoz na figura do guarda e do povo de Atenas, seu povo, que podemos

saltar para uma esfera qualitativa. Cristo, assim, representa o ápice do espírito humano. Sua vida, portanto, demonstra o que poder-se-ia chamar de filosofia suprema.

É grande a quantidade de provas para a afirmação, tomando mesmo um ponto de vista ateu. Basta dizer, porém, para não nos alongarmos muito, que ver-se pessoas humildes, mesmo semi-analfabetas, dizerem frases como “o tempo cura tudo”, ou “Deus tem uma razão para o meu sofrimento” implica o ápice do pensamento metafísico, antes sempre voltado para uma parcela ínfima e eleita da população. Por ápice implica-se que, para poder dizer essa frase, o sujeito, ainda que inconsciente do poder da mesma, está dizendo que: a) no meio do caos da existência, existe uma Ordem, invisível, mas conhecível; b) essa Ordem é Boa; c) essa Ordem leva em conta a situação de cada ente particular, também direcionando-o para o Bem. Essas 3 premissas já são não apenas a Metafísica, buscada por gnósticos e herdeiros, negada por céticos e herdeiros, como é a solução do problema maior da mesma: a relação entre o universal e o particular. Foi o filósofo romeno Constantin Noica quem trouxe de volta em termos contemporâneos essa questão, que, para ele, era sem solução. Não obstante, a questão, já resolvida, conseguiu chegar ao mais humilde, fato esse impossível de ocorrer em qualquer outra cultura.

Assim, pelo conteúdo, como pelo efeito, pode-se dizer que há uma valoração entre as formas de antever a metafísica, e, mais do que isso, há uma Metafísica que aponta diretamente para o absoluto. Como nas demais, ela é ao mesmo tempo uma proposta de vida e um conjunto de conhecimentos. O fato disso não ser tão conhecido se dá pelas sucessivas tentativas de, pela antevisão da quantidade absurda e contraditória de conhecimentos disponíveis, concluir, como os céticos ou os acadêmicos gregos, que não há como chegar a um absoluto. Não obstante, a Metafísica permanece intacta e, ainda que inconsciente, presente na nossa cultura, seja nessa versão absoluta, mas pouco discutida, seja na oposta, dada pela cosmogonia gerada pela universidade moderna. É assunto para outra discussão esse fenômeno.

Palavras-chave: Filosofia, Sabedoria, Religião.

III Encontro Brasileiro de Estudos Tradicionais

**Cinco interesses ocultados por Moscou (e no Ocidente)
na Guerra da Ucrânia**

Edu Silvestre de Albuquerque

Resumo: Os serviços secretos ocidentais e as grandes corporações globais do setor de informação têm sido acusados constantemente de manipulação da informação na Guerra da Ucrânia. Mais raro são estudos apontando essa manipulação da informação pelo Estado Russo; manipulação esta que envolve aspectos muito mais profundos do que o controle estatal da imprensa moscovita. Neste ensaio, abordamos elementos e perspectivas de ordem geopolítica que costumeiramente são negligenciados pelos críticos da posição ocidental no conflito.

Palavras-chave: Geopolítica; Ucrânia, Rússia.

Abstract: Western intelligence services and large global intelligence corporations have been consistently accused of manipulating information in the Ukrainian War. More rare are studies pointing out this manipulation of information by the Russian state, and which involves much deeper aspects than state control of the Moscow press. In this essay, we approach geopolitical elements and perspectives that are usually neglected by critics of the Western position in the conflict.

Keywords: Geopolitics; Ukraine, Russia.

III Encontro Brasileiro de Estudos Tradicionais

A geopolítica da questão energética: as relações bilaterais no contexto do Gasoduto Bolívia-Brasil

Leonardo Lins dos Santos Paulino

Resumo: No que tange à questão energética na América do Sul do qual este ensaio pretende evidenciar, reforça a necessidade de inflexão no desenvolvimento e na geopolítica em si. Isto se dá pelo fato de interesses comuns de desenvolvimento econômico que cada país adotava/ou em seu curso pelo progresso. A Bolívia (ou melhor, o povo pobre boliviano) enxergava o gás natural como alternativa de superar as desigualdades socioeconômicas, e o Brasil a superação da crise energética que ameaçava o seu desenvolvimento no século XXI. Mas para além de uma solução socioeconômica – de certo modo nos países em questão – mesmo com objetivos claros de integração regional, havia o interesse na disputa das cadeiras do jogo geopolítico quando a Bolívia também estreitava os seus laços com a Argentina na questão dos hidrocarbonetos. O que logo depois esfriaria com a descoberta de importantes reservas no noroeste argentino, despertaria o interesse no Brasil como mercado consumidor próximo. No decorrer da aproximação diplomática, ambas pensavam na unidade e integração regional que, por fim, parecia criar corpo e forma. Se por um lado a política construía uma integração partindo do Sul (em contraponto a ALCA - Área de Livre Comércio das Américas) e a economia neoliberal no emprego da conexão regional à global, alguns elementos só viriam à tona a partir de uma práxis neoliberal boliviana de privatizações e regulações internacionais no seu bem nacional. O povo boliviano não comprava a ideia de um país globalizado pelo fato de não participar deste feito. A política da “terapia do choque” que pensou a integração com o mundo neoliberal globalizado no período Gonzalo Sánchez de Lozada foi o mesmo que ruiu com a intensa instabilidade política. A dependência brasileira dos hidrocarbonetos bolivianos aumentaria mesmo no posterior período Evo Morales, o que tornaria a diplomacia de Lula da Silva na corda bamba, sempre cada um ao seu modo colocando seus objetivos decisórios do Sul. Afinal, a questão energética perpassa pela condição geopolítica de qualquer Estado, e não seria diferente no emprego da América do Sul na sua integração?

Palavras-chave: Geopolítica; Integração; Desenvolvimento; América do Sul.